

A (IN) VISIBILIDADE DE UM PÉ DESCALÇO: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Alessandra Cassia de Oliveira Barbosa ¹

RESUMO

Na rotina de uma sala de aula vários questionamentos são levantados pelos alunos constantemente. Alguns questionamentos, nós professores, conseguimos responder prontamente, outros, precisam de maiores reflexões. Como as indagações realizadas por alunos sobre o porquê de um aluno com deficiências múltiplas, que usa cadeira de rodas, não usar sapatos. A percepção de um pé descalço foi o disparador para a construção de um projeto junto a duas salas de aula de uma escola pública com alunos com e sem deficiência. Isto posto, este trabalho tem como objetivo relatar essa experiência que teve como ancoragem os pressupostos da teoria histórico-culturais de Vigotski. Na construção do projeto, foram pensadas ações que pudessem oportunizar o sentimento de inclusão e aproximar os alunos sem deficiência aos alunos com deficiência, demonstrando suas habilidades e possibilidades. Assim, foram realizadas uma entrevista dos alunos com a mãe do aluno com deficiência múltipla, assim como, produção de sapatos com a técnica de “paper squish”, atividade de escrita sobre possibilidade de sapatos para o aluno e por fim, a publicação de um livro infantil “Por que o Renato não usa sapato?” que destaca o papel coletivo na ressignificação de práticas culturais.

Palavras-chave: Educação Especial, Políticas de Educação Inclusiva, Prática Pedagógica.

INTRODUÇÃO

O cotidiano de uma escola pública do Ensino Básico é assolado muitas vezes por demandas externas e internas, que vez por outra, os questionamentos dos alunos podem passar despercebidos. Os pequenos na sua incessante fase dos porquês necessitam descobrir o mundo e esses questionamentos podem passar alheios a nós professores.

E foi através de uma simples pergunta que as reflexões sobre o cotidiano escolar no contexto das políticas de educação especial na perspectiva inclusiva se fizeram. Um aluno perguntou, referindo-se a outro aluno: “Por que o Renato² não usa sapatos?”

A pergunta aparentemente simples exigia prudência em respondê-la. E antes mesmo que houvesse uma resposta, a réplica da estudante estava pronta: “Se ele é um aluno como todos nós, por que ele está sem sapatos?”.

¹ Mestranda do Curso de Mestrado em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, acobid@yahoo.com.br;

² Nome fictício para preservar a identidade do aluno.

Renato, o aluno sem sapato, tem quatorze anos e frequenta uma escola pública. Durante toda a sua vida escolar foi aluno de turmas regulares, mas há quatro anos é aluno da classe especial. Renato nasceu com paralisia cerebral, utiliza cadeiras de rodas para se locomover, não se comunica oralmente e os seus movimentos corporais são limitados. O trabalho pedagógico tem suporte da comunicação alternativa e pelo uso de gestos feitos pelo aluno. Recentemente, após uma cirurgia nos olhos, Renato passou a enxergar preto e branco no olho esquerdo.

A pergunta feita pela aluna nos remeteu imediatamente ao texto “Um sapato Perdido” de Pablo Gentili e Chico Alencar (2001) que provoca a reflexão sobre o fato de uma criança de classe média que perdeu os sapatos receber a comoção de seus vizinhos e que tantas outras crianças que andam descalças por uma metrópole como o Rio de Janeiro não receber atenção nenhuma, quase como invisíveis à sensibilidade humana.

Pessoas com deficiência são marcadas por inúmeros processos de exclusão na escola, não distinto do que vivem de forma geral nos inúmeros espaços sociais pelas marcas do capacitismo. Tornar visível esses processos e lutar pelo enfrentamento destes é um dos grandes desafios da escola. Gentili e Alencar (2001) afirmam que os processos de exclusão de direitos é um estado, uma condição, havendo uma diferença entre a condição de excluído (um estado) e as dinâmicas de exclusão (um processo), desse modo, invisível aos olhos. Exclusão e inclusão são processos equivalentes, contraditórios.

Renato está matriculado em uma escola regular, mas não em uma turma regular. Ele frequenta uma turma segregada, a classe especial. Alguns espaços físicos são de fácil acesso para quem usa uma cadeira de rodas, como a quadra e o refeitório, mas outros como a sala de computação e a sala de leitura, que estão no segundo andar, não são acessíveis. A escola não tem elevadores ou rampas, seu trânsito fica restrito, alguns espaços são limitados devido não haver acessibilidade. Também, essa limitação impacta nas suas relações interpessoais, ou seja, apesar de estar na escola regular, seus pares, na maioria do tempo, são alunos com deficiência.

Dito isso, o objetivo desse trabalho é relatar a experiência vivida na escola e refletir teoricamente essa experiência, apresentando o projeto envolvendo duas turmas de uma escola pública e a dimensão da inclusão escolar entre esses alunos.

METODOLOGIA

A experiência que relatamos foi um projeto que nasceu a partir da necessidade de dar visibilidade aos alunos com deficiência de uma escola pública que tem matriculados alunos e alunas do primeiro segmento do Ensino Fundamental. O terreno da escola fica entre condomínios de apartamentos de famílias que em sua maioria são de trabalhadoras e pobres,

sendo seus filhos e filhas a maioria dos estudantes da escola, contudo, há alunos de outras áreas do bairro como quilombos e comunidades do entorno.

O projeto aqui relatado foi construído a partir da pergunta feita por alunos de uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental, no horário do recreio, em relação a um aluno da classe especial: “Por que o Renato não usa sapatos?”. O trabalho foi realizado em conjunto com as duas turmas, a classe especial e a turma do 3º. ano. Onde foi feita uma entrevista com a mãe do aluno da classe especial, apresentado características dele, em seguida os alunos escreveram como seria um sapato ideal para o Renato e fizeram sapatos com a técnica de arte “paper squishy”³

A observação crítica do cotidiano escolar pode parecer um desafio para os professores que estão inseridos nas práticas cotidianas escolares. O professor pesquisador vive a relação entre ensinar e pesquisar. Lüdke e Cruz (2010)

Relatar essas experiências e projetos é um importante instrumento para a produção do conhecimento científico, visto que o relato de experiência tem como principal característica o seu caráter científico, relatando uma vivência acadêmica/ profissional, partindo da observação, além de ser uma importante modalidade de escrita acadêmica para a produção de conhecimentos com embasamento científico e reflexão crítica, com a finalidade de contribuir para o desenvolvimento do conhecimento, na formação do sujeito e na transformação social como afirmam Mussi; Flores; Almeida (2021).

REFERENCIAL TEÓRICO

O presente trabalho e todo o projeto foi estruturado a partir dos pressupostos teóricos metodológicos da Teoria histórico-cultural do desenvolvimento humano, trabalhando com os conceitos estudados por Vigotski sobre meio, vivência e o estudo de pessoas com deficiência.

Nessa perspectiva, de acordo com a Teoria histórico-cultural, o papel social da educação no desenvolvimento humano se relaciona com os mais diversificados aspectos do meio.

Assim, entendemos que o meio, um dos conceitos estudados pela Teoria histórico-cultural, é fonte de desenvolvimento e compreende a complexa e dinâmica ambiência física e simbólica, social e cultural, sócio e significativa, como enfatiza Smolka (2011). O meio não influencia, não é causal, nem circunstancial e muito menos definidor, mas se modifica por força da educação. Ainda de acordo com Smolka (2011):

³ Traduzido para o português, significa “papel mole”.

[O meio] inclui o bairro, a cidade, as famílias; as narrativas, as histórias, os filmes; o mundo na TV e fora dela; o celular, a lan house, as drogas; as carências, as disputas, os desejos; as políticas, os valores em conflito... Inclui a imaginação, o imaginário social, as possibilidades de criação, resistência, transgressão... [...]há que se pensar meio e desenvolvimento na intrínseca contradição que os constituem.] (Smolka, 2011, p. 236).

Como defendido por Vigotski (2018), o meio é fonte de desenvolvimento, que acontece de maneiras heterogênea. Para cada criança, o mesmo elemento do meio será diferente. As crianças se apropriam do meio, e assim cada uma, individualmente significa de uma forma particular, estabelecendo um valor próprio. Para o autor, a importância do meio para o desenvolvimento psicológico da criança, se dá através da vivência, havendo uma relação entre criança, o meio e a vivência da criança. Para Vigotski (2018):

A vivência de uma situação qualquer, de um componente qualquer do meio define como será a influência dessa situação ou meio sobre a criança. Ou seja, não é esse ou aquele momento, tomado independentemente da criança, que pode determinar a sua influência no desenvolvimento posterior, mas o momento refratado através da vivência da criança Vigotski (2018 p. 75).

Ou seja, a vivência é um processo dinâmico, o resultado da interação que o indivíduo tem com o meio, como ele é afetado pelo meio, sendo sempre subjetiva e individual. Smolka (2006, p. 103) afirma que: “Se um acontecimento é comum a várias pessoas, a experiência é singular e irrepetível”.

Em seus estudos, Vigotski (2018) ao elaborar o conceito de vivência/perejevanie, fala como o meio significa para a criança, a partir de uma história de relações constitutivas de sua personalidade. Nesse processo o sujeito modifica o meio, assim o meio é criado e transformado pela história e pela cultura. Dainez; Smolka; Souza (2022).

O homem é um ser social e desenvolve suas características e qualidades dentro da relação com a sociedade, como declara Vigotski (2018). Assim, entendemos que todo o processo constituído na escola e fora dela, é essencial para a construção da personalidade da criança.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observando Renato no seu ambiente escolar, notamos que a escola, como espaço de construção do conhecimento, onde a aprendizagem alavanca o desenvolvimento, proporcionando ao aluno convívio e trocas com outras crianças e jovens. Trocas essas que são fundamentais para o desenvolvimento pessoal e acadêmico.

Para tentar entender os desejos e preferências de Renato fora do ambiente escolar, foi realizada uma manhã de entrevista com a mãe do aluno e com a presença dos alunos do 3º ano da escola. Na ocasião, eles tiveram a oportunidade de conhecer melhor Renato através da mãe, que é a sua principal cuidadora. O viram em pé, sem a cadeira de rodas, conheceram as suas preferências e puderam contar relatos pessoais sobre familiares e amigos com deficiência.

A partir dessa entrevista foi realizado, em outro momento, uma aula em que foi pedido para os alunos para pensarem em sapatos para Renato. Os alunos construíram um texto como seriam os sapatos e quais funcionalidades teriam, pensando nas respostas que a mãe do aluno deu na entrevista, criando sapatos acessíveis aos pés do Renato. A criatividade foi o apogeu dessa atividade. Essa experiência foi ainda mais enriquecedora. Muitos alunos relataram sobre o convívio de pessoas com deficiência em suas famílias

O terceiro momento foi apresentada a técnica de desenho “paper squishy”. A técnica é difundida em muitos canais de youtubers de artes e surgiu, primeiramente nos Estados Unidos. Envolve criatividade, materiais recicláveis e baixo custo. A partir de um molde de um sapato, os alunos customizaram com as ideias que tiveram para os sapatos de Renato e encheram com restos de bolsas de plásticos e fecharam com durex grosso. A técnica proporcionou um momento de inclusão entre a turma do terceiro ano e a classe especial. Por fim, os sapatos de “paper squishy” foram apresentados ao aluno Renato, revelando o papel coletivo nas práticas culturais.

Dessa prática foi pensado o livro infantil “Por que Renato não usa sapato?” Barbosa, Teixeira (2022). Relatando de forma ficcional como foi a descoberta desses alunos ao conhecerem e reconhecerem o protagonista como aluno integrante da escola e com direito ao usar sapatos, afinal ele é um aluno como qualquer outro.

As imagens foram produzidas através do aplicativo de designer gráfico Canva. Foram captadas imagens que representassem o ambiente da escola, assim como os personagens da história. Cada imagem e figura foi pensada para transmitir ao leitor o sentimento quando foi narrado esse acontecimento.

Na capa, além dos componentes textuais como o título e as autoras, há uma imagem de um menino em uma cadeira de rodas no lado esquerdo inferior e na ponta direita superior, um par de sapatos. Entre eles, o símbolo do infinito em verde com algumas manchas em marrom, lembrando uma estrada. Essas imagens foram selecionadas porque remetem à ideia de que

estamos infinitamente em busca de inclusão, seja escolar ou social. A professora foi estrategicamente escolhida como uma mulher negra, visto que as professoras autoras são duas mulheres negras. A maior dificuldade foi selecionar imagens de crianças negras, dado que, no aplicativo não havia nenhuma criança negra com cabelos crespos, o que impossibilita uma maior diversidade de crianças, como é ambientada na escola em que foi feito esse trabalho.

Em posse do livro, foi realizado um trabalho com a classe especial. Nesta etapa conversamos sobre os direitos humanos e a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Organização das Nações Unidas (1948), principalmente, os direitos das pessoas com deficiência. Após o debate e leitura do livro com a turma, foi solicitado que os alunos dialogassem, escrevessem ou desenhassem em um cartaz sobre os direitos que mais chamaram a atenção, e então, após a confecção, o material foi exposto para escola, intitulado: “lutando por direitos”.

Assim, os processos de ensino perpassam sobre o papel do professor como mediador do ensino-aprendizagem, em uma práxis reflexiva e emancipatória. Vigotski, (1998) sobre o compromisso do professor mediador, declara que a aprendizagem se dá na interação social, manifestando culturalmente pela linguagem, em uma relação dialética.

No que tange ao compromisso do professor mediador, Vigotski (1998) declara que a aprendizagem é construída coletivamente, tornando o papel do professor, elemento fundamental para a construção dos processos de ensino e de aprendizagem do aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ser visível nessa sociedade orientada para o consumo, em que as pessoas valem pelo que têm, não pelo que são, é um desafio desproporcional àqueles que estão à margem dessa sociedade. As crianças estão aí inseridas e como cidadãos, reproduzem a lógica neoliberal de que pessoas em cadeiras de rodas não precisam ou não merecem ser notados e terem suas opiniões e desejos respeitados.

Aqueles alunos poderiam se indagar de tantas formas. Pelo fato de Renato não se comunicar verbalmente, ou o porquê de a mãe oferecer o almoço, idas ao banheiro, maneira como aprende ou como penteia o cabelo. Questionamentos que pertencem ao mundo dos adultos, mas que para aquele grupo de crianças, nada disso era relevante, e sim, o porquê de ele não estar completamente uniformizado e o que poderiam fazer para ajudar esse aluno, eram sim, as suas dúvidas.

Nesse sentido, a intenção desse texto é poder contribuir para a reflexão dos professores quanto a escuta dos seus alunos. Tanto se fala em “dar voz aos oprimidos”, mas quando vamos

doar nossos ouvidos aos seus discursos, seus questionamentos? A escuta participativa é promotora de uma sociedade menos preconceituosa. Visibilizar não é somente dar voz, mas ouvir os anseios daqueles que, muitas vezes, não podem falar. Sensibilizar as experiências, construindo junto aos alunos um olhar mais apurado sobre as diferenças humanas, percebendo o indivíduo na sua totalidade e potencialidades.

Assim é necessário pensar no processo de inclusão desses sujeitos invisibilizados, a partir das experiências dos próprios estudantes, como agentes transformadores da sociedade, do seu próprio desenvolvimento e da cultura, na tentativa de promover uma escola menos desigual, menos capacitistas e mais questionadora dos seus próprios processos de inclusão.

No texto *Um sapato perdido* de Pablo Gentili e Chico Alencar (2001), os autores refletem que a escola ideal seria aquela que ensina a diferença entre dois pés descalços, a sentir vergonha quando não percebemos a existência daquele que supostamente perdeu o sapato. Estamos longe de alcançar a escola ideal, mas quando alunos sem deficiência de uma escola pública instintivamente conseguem perceber os pés descalços de um aluno com deficiência da mesma escola, então acreditamos que é possível sonhar com essa escola. Uma escola democrática e sensível às diferenças humanas.

REFERÊNCIAS:

BARBOSA, Alessandra; TEXEIRA, Lyvia. **Por que o Renato não usa sapato?** 1. ed. Rio de Janeiro: Autografia Edição e Comunicação LTDA, v. 1 24p, 2022.

DAINEZ, Debora; SMOLKA, Ana Luiza Bustamante & SOUZA, Flavia Faissal de. A dimensão constitutiva do meio: Implicações políticas e práticas em educação especial. **Educação & Sociedade**, v. 43, ed. 256418, 2022.

GENTILI, Pablo; ALENCAR, Chico. *Um sapato perdido*. In: *Educar na esperança em tempos de desencanto*. Rio de Janeiro: Vozes, p. 27-43, 2001.

LÜDKE, M.; CRUZ, G. B. DA. Contribuições ao debate sobre a pesquisa do professor da educação básica. *Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores*, v. 2, n. 3, p. 86-107, 18 dez. 2010. Disponível em: <https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbpf/article/view/20/18>. Acesso em 18 de out. 2023.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práx. Educ.**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, out. 2021. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-26792021000500060&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 30 jul. 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, 1948. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em: 12 jul. 2023

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. Experiência e discurso como lugares de memória: a escola e a produção de lugares comuns. In: , v. 17, n. 2 (50) - maio/ago. 2006.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. Jogos de imagens, espaços de diferença: produção de sentidos e condições de desenvolvimento na instituição escolar. In: KASSAR, Monica de Carvalho Magalhães (org.). **Diálogos com a diversidade**. Sentidos da inclusão. Campinas, SP: Mercado de letras, 2011.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. Rio de Janeiro: Martins Fontes. 1998.

VIGOTSKI, L.S. Sete aulas de L.S. **Vigotski sobre os fundamentos da pedagogia**. 1.ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2018.